

## **Relações Afetivas: Reflexões sobre Feminilidade e Repetição de Dinâmicas Relacionais da Personagem Jules**

Lara Bergamo Iamada<sup>1</sup>, Letícia de Souza Mazzuco<sup>2</sup>, Luiza Pereira<sup>3</sup> e Sofia Magalhães Dorn de Carvalho<sup>4</sup>

<sup>1-4</sup> Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade Federal de Santa Catarina

### **Notas sobre os Autores**

Este artigo foi produzido para uma disciplina da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os autores deste artigo se encontram em processo de formação superior. Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser encaminhadas para as autoras, por meio dos endereços de e-mail: [lara.b.iamada@gmail.com](mailto:lara.b.iamada@gmail.com), [lsmazzuco@gmail.com](mailto:lsmazzuco@gmail.com), [luizacper@gmail.com](mailto:luizacper@gmail.com), [sofiadornc@gmail.com](mailto:sofiadornc@gmail.com).

### **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo compreender a temática das relações afetivo-amorosas, no que tange a construção da feminilidade e das repetições de dinâmicas relacionais. Sendo assim, o trabalho foi construído a partir da história e experiência da personagem Jules, da série *Euphoria*, considerando os atravessamentos de ambos os tópicos na experiência de Jules enquanto uma mulher transexual. Diante disso, este trabalho visou a reflexão sobre a feminilidade enquanto um ideal construído socialmente e a análise das dinâmicas relacionais específicas da personagem, a fim de identificar processos que podem ser generalizados nas relações afetivos-amorosas, com embasamento na teoria psicanalítica sobre a parentalidade e sobre a repetição de comportamentos. Com base na experiência da personagem Jules,

conclui-se que comportamentos estereotipados, marcas da feminilidade em uma sociedade de lógica heteronormativa, e a repetição de dinâmicas relacionais anteriores influenciam na forma como se dão os relacionamentos afetivo-amorosos dos indivíduos, de modo que ambas as temáticas se confluem.

*Palavras-chave:* feminilidade; transexualidade; relações afetivo-amorosas; repetição; psicanálise.

### **Introdução**

No Brasil o órgão responsável pelo Censo Demográfico, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não inclui diferenciação por identidade de gênero em suas pesquisas, invisibilizando parte da população. Assim, um mapeamento de Spizzirri *et al.* (2021) estimou que haveria cerca de um milhão de pessoas que se identificam como transgênero no Brasil (percentualmente de 0.1 a 2% da população total do país). A pesquisa ainda detalha a marginalização da população trans por se encontrarem nas classes sociais mais vulneráveis e com os menores índices de escolaridade quando comparadas à população cisgênero. Além disso, o dossiê “Assassinatos e Violência contra Travestis e Transsexuais Brasileiras de 2020”, da mesma instituição, aponta que cerca de 98% das vítimas de homicídios são mulheres trans (ANTRA, 2021). Essa segregação em relação a pessoas trans e travestis se traduz para o meio acadêmico que tem como constante o uso dessa parcela da população como objeto de pesquisa, mas apagando sua existência por si, e sua permanência e produção científica nesses mesmos espaços (Mello & Magalhães). Ademais, é possível perceber também a relevância deste artigo para muitos jovens, como também para profissionais que atuam no acolhimento e promoção da qualidade de vida, no que tange a relação de uma experiência transexual com a construção de uma feminilidade, e dos atravessamentos entre as dinâmicas familiares e seus reflexos nos relacionamentos afetivo-amorosos.

As temáticas apresentadas a seguir buscam estruturar caracterizações que envolvem a personagem Jules enquanto mulher transexual: como ela se enxerga e como se relaciona com os outros. A partir disso, faz-se importante apresentar alguns conceitos fundamentais para esta discussão. Primeiramente, é pertinente que se definam as concepções de *sexo* e *gênero*. Estas são categorias que, no seu desenvolvimento teórico, buscam hierarquizar as experiências dos indivíduos conforme as diferenças atribuídas socialmente (Wolff & Saldanha, 2015).

### **Identidade de gênero: sexo, gênero e transexualidade**

O *sexo*, categoria biológica pautada em uma lógica organicista, classifica os corpos a partir de sua genitália enquanto femininos ou masculinos. O *gênero*, por sua vez, pode ser compreendido como aquele que ordena comportamentos e vivências a partir de uma falsa essencialidade que se baseia na noção de uma polaridade de sexo masculino e sexo feminino, através do suporte de instituições sociais e de práticas que as alicerçam. Enquanto isso, a *identidade de gênero* é a forma na qual a subjetividade e a identidade se articulam como um espaço para as diferentes expressões e vivências (Zerbinati & Bruns, 2018).

Para além dos parâmetros fisiológicos e biológicos, o sexo é delineado a partir, e de forma conjunta, à noção de gênero, uma vez que a própria construção de sexo como uma categoria social já é feita de maneira generificada (Butler, 2003). Sendo assim, a estrutura binária adotada de maneira geral busca reforçar a ideia de que há um significado ontológico na vivência do ser masculino ou feminino, apoiada nas estruturas anatômicas (Santos, 2018).

Portanto, a ideia de sexo, atribuída desde o momento pré-natal, perpassa e constrói o corpo, o tornando um corpo sexuado – o que se torna um imperativo por todo o processo de desenvolvimento humano. Assim, uma série de experiências da infância e da adolescência como brincadeiras, desenvolvimento de preferências e relacionamentos são envoltos por

expectativas definidas *a priori*. Essas conformações servem a uma ideia polarizada, heteronormativa e binária do que é sexo e gênero (Martins, 2019). Ou seja, os conceitos são locais de disputa na discussão sociológica.

Socialmente, os campos de saber e instituições sociais, como medicina, escola e família, reforçam os papéis de gênero, relacionando-os com a atribuição de sexo que é dada ao nascimento, de acordo com a genitália. Resumem, portanto, a experiência do ser homem ou mulher ao discurso biológico. No campo dos estudos de gênero o corpo é visto como sexuado, ou seja, ganha materialidade a partir do sexo que lhe é conferido. Esse sexo é construído apoiando-se nas concepções de gênero distribuídas no corpo pelo social (Bento, 2011).

Ademais, é necessário esclarecer os conceitos de cis e transgênero, sendo identificados, respectivamente, como aquele cujo gênero corresponde e não corresponde ao conferido no nascimento. Essas ideias denunciam o trânsito possível no quesito gênero e as possibilidades dessa movimentação (Dornelles et al., 2019). Para Smith (citado em Newman, 2020) gênero, assim como raça e deficiência, apresentam-se como uma experiência de vida, reforçando a dinâmica das subjetivações de gênero na experiência da pessoa.

Zerbatti e Bruns (2018) apontam algumas situações observadas na vivência infantil de pessoas trans. Por exemplo, a transição é – muitas vezes – acompanhada por estados de ansiedade e de depressão e o papel do núcleo familiar na vida da criança é crucial durante, não só o processo mencionado, mas por toda sua vida. A família, apontam as autoras, é uma instituição responsável também por reforçar socialmente performances de acordo com as ideias de gênero, podendo ser um local onde é perpetuada muita violência. Porém, as mesmas destacam que é através do apoio e vínculo familiar que é desenvolvida a qualidade de vida das crianças e adolescentes transexuais.

## **Ideal da feminilidade**

Para que se abarque as questões mais fundamentais da experiência da transexualidade, é preciso que se estabeleça o que se entende por *feminino* e *masculino*. A construção dos ideais que definem o que é ser mulher ou ser homem em uma dada cultura é influenciada por elementos socioculturais e se apresentam como elementos de grande influência para a constituição da subjetividade dos sujeitos. O ideal de feminilidade vigente atualmente tem sua origem histórica a partir do século XVIII (Moreira et al., 2108), decorrente das reflexões de Jean Jacques Rousseau, remetendo à passividade e à submissão da mulher ao desejo e às necessidades masculinas (Campos, 2014; Lattanzio & Ribeiro, 2017).

Ademais, a construção da feminilidade no Ocidente se encontra relacionada com os ideais de beleza, os quais são difundidos massivamente através das redes midiáticas, e que passam a ser a referência para as mulheres dos valores estéticos de uma época e lugar, ou seja, do que é ser uma “mulher bela” em um dado contexto. Esse ideal de beleza, que compõem a construção da feminilidade no Ocidente, interliga-se com o sentir-se desejada, ao passo que o reconhecimento do indivíduo como mulher pode ser compreendido através da ação de atrair o olhar do outro. Assim, o ser desejada passa a ser entendido como um elemento identitário da construção de feminilidade (Silva & Rey, 2011).

A função atribuída ao ideal de beleza na vida de uma mulher é relativa e varia para cada pessoa de acordo com as experiências particulares desta, como por exemplo, a relação com as figuras parentais (Silva & Rey, 2011). Esse entendimento difere para cada indivíduo, o que acarreta em diferentes níveis de esforço investido nessa imagem do ideal para que se reconheça enquanto mulher, individual e socialmente.

Outro aspecto constituinte da feminilidade é de uma relação hierárquica entre homens e mulheres, a qual as mulheres se localizam em uma posição de inferioridade, uma vez que há uma submissão ao desejo e às necessidades masculinas (Moreira et al., 2018). Ou seja, faz-se

presente uma mudança dos comportamentos e das condutas na tentativa de se adequar ao que os homens querem ou, ainda, no que se acredita que eles desejam, o que se relaciona também com a própria construção da masculinidade. Com essa oposição entre as construções, tanto de feminilidade, como de masculinidade, tais ideais podem ser entendidos como um conjunto ideológico que acarreta em uma continuidade das desigualdades sociais, políticas e econômicas, uma vez que essas diferenças impõem hierarquias de poder sobre certos indivíduos e corporeidades (Fuchs et al., 2020).

A feminilidade se mostra como uma parte importante do processo de constituição enquanto sujeito, molda as relações com os outros, com a sociedade e consigo mesmo. Desse modo, as relações afetivo-amorosas também são atravessadas pelas questões que dizem respeito ao feminino e à identificação enquanto mulher. Os conceitos apresentados sobre a feminilidade podem ser utilizados para analisar as relações afetivo-amorosas articulando-os ao aporte teórico da psicanálise, uma vez que a abordagem se torna relevante diante da investigação de dinâmicas relacionais.

### **A repetição nas dinâmicas relacionais**

Apesar de existirem controvérsias em relação às noções de gênero entre os autores de ambas as teorias – psicanálise e pós-estruturalismo – pretende-se neste artigo mostrar que é cabível relacionar os conceitos, assim como fez Martins (2019), Lattanzio (2011) e Sodré & Arán (2012). Para compreender mais facilmente as experiências da personagem ambas as teorias se mostraram coerentes e não se contradizem da maneira que estão sendo apresentadas, por isso, optou-se por manter desta forma.

Dessa maneira, cabe pontuar que, para a psicanálise, as rela es familiares e as dinâmicas que elas produzem seriam base para a constitui o psíquica do indivíduo. Mais especificamente, as rela es parentais – seja com pais ou com aquele que exerce o papel de

cuidador – têm forte influência sobre o indivíduo, este que, desde bebê, se depara com o inconsciente parental, as providências parentais e os significados que ele produz a partir disso (Lemos & Neves, 2019).

Assim, a relação mãe-filha(o) – ou, ainda, a relação do sujeito com outrem que exerça a função de uma figura maternal em sua vida – torna-se de especial importância para a teoria psicanalítica, uma vez que se torna uma das bases que fundamenta a psique do sujeito, além da providência de afeto pela figura materna, em maior ou menor grau, ser determinante para o desenvolvimento da personalidade do ser (Maciel & Rosemberg, 2006). Freud desenvolve, ainda, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) que o bebê, uma vez que tem suas necessidades satisfeitas em um primeiro momento pela mãe, terá nela seu primeiro objeto de prazer, e, mais ainda, em consequência dessa relação, a necessidade de ter o cuidado de um outro e o medo de perdê-lo acompanhará o sujeito por toda a sua vida e organizará o modelo básico a partir do qual este indivíduo se relacionará com ele mesmo e com os outros. Ademais, a angústia gerada pelos casos em que essa mãe/ figura maternal se torna ausente ao sujeito produzirá uma situação traumática e de perigo (Freud, 1926). Condições adversas de família pelas quais o sujeito pode ser exposto, portanto, serão possíveis produtores de desequilíbrio psíquico e sintomas (Maciel & Rosemberg, 2006).

Além do que diz respeito às dinâmicas familiares e às consequências do abandono, para que se analise as relações afetivo-amorosas é interessante que se compreenda o conceito psicanalítico de *repetição*, desenvolvido por Sigmund Freud, principalmente a partir dos textos *Lembrar, Repetir e Perlaborar* (1914) e *Além do Princípio do Prazer* (1920) (Neto, 2010). Para o autor, esse conceito se refere a uma dinâmica psíquica inconsciente na qual o indivíduo, a partir do recalçamento de traumas, repete aquilo que lhe foi traumático. Este recalçamento diz respeito a uma maneira do sujeito de se defender inconscientemente de um sofrimento, esquecendo daquilo que foi traumático para ele (das cenas que se mostram como

um excesso para ser assimilado conscientemente pelo indivíduo). Repete-se, portanto, aquilo que não é possível de ser lembrado e, conseqüentemente, elaborado, sem, contudo, saber que se repete – é isto que causa o sintoma que será trabalhado na clínica psicanalítica (Freud, 1914).

O traumático, ainda, mostra-se como esse algo que é de tamanha magnitude para o sujeito que o impede de assimilar o trauma psiquicamente, este que marca o sujeito sobretudo nos acontecimentos da infância (Neto, 2010). Dessa forma, volta-se para as dinâmicas familiares e para as vivências na infância para que se entenda em quais contextos estes traumas, que se repetirão futuramente, serão desencadeados. A compulsão a repetir é, resumidamente, uma tendência que exige voltar atrás para reencontrar aquilo que já aconteceu (Nasio, 1999).

Com isso, o objetivo geral deste trabalho é compreender as intersecções entre a transexualidade, a construção de feminilidade e as relações afetivas através do conceito psicanalítico da Repetição, com base na história da personagem Jules. Para que isso seja possível, irá se localizar alguns eventos da história da personagem, os quais influenciaram em suas relações afetivo-amorosas e, também, identificar como as dinâmicas familiares se repetem nos relacionamentos afetivo-amorosos da personagem. Ademais, busca-se analisar a construção da feminilidade na sociedade, bem como isso se reflete na experiência da transexualidade de Jules, e descrever como tal construção do feminino se coloca dentro dos relacionamentos amorosos da personagem.

### **Método**

O presente trabalho se baseou na análise da série *Euphoria* (Levinson, 2019), em particular em três cenas. A Cena 01 (37:14 - 39:46) se refere ao episódio “*The Trials and Tribulations of Trying to Pee While Depressed*” e as Cenas 02 (5:38 - 6:36), 03 (11:05 -



13:04) e 04 (37:25 - 43:05) ao episódio “*Fuck Anyone Who’s Not a Sea Blob - Part 2: Jules*”, sendo eles, respectivamente, o sétimo e um episódio extra da primeira temporada. Todos os episódios são dirigidos por Sam Levinson e estrearam entre Junho de 2019 e Janeiro de 2021, no canal HBO. A série acompanha um grupo de jovens estadunidenses enquanto estes navegam por tópicos como drogas, sexualidade, relações amorosas e interpessoais.

### **Participantes**

*Jules*: Mulher transgênero e branca de 17 anos, tem 1,77m de altura e cabelo liso completamente descolorido na altura do colo. A personagem usualmente se veste com roupas como saias e tops, além de maquiagens coloridas e extravagantes. Mora apenas com seu pai e não possui contato com a sua mãe devido a mesma ser responsável pela sua internação psiquiátrica compulsória na infância – impulsionada pela não conformidade com a identidade de gênero de Jules – e depois desenvolver dependência química. Durante a série desenvolve uma relação afetiva com a personagem Rue.

*Amy Vaughn*: Mulher branca, cisgênero, de cabelos loiros e lisos, na altura dos ombros. Utiliza roupas com tons neutros. Tem uma relação distante e tensa com sua filha (a personagem Jules) e aparenta não ter apoiado a transição da filha. É dependente química em busca de reabilitação.

*David Vaughn*: Homem cisgênero, branco, possui cabelos e barba grisalhos e encaracolados. Usa óculos de armação fina e roupas de tons neutros. É pai e mora com sua filha (a personagem Jules). Tem uma relação comunicativa e honesta com a filha, buscando saber de seus interesses e relacionamentos. Apoiou Jules no decorrer de seu processo de transição.

*Rue*: Mulher cisgênero de 17 anos, preta, tem 1,78m de altura e cabelos crespos de cor castanho escuro, com cachos mais abertos, definidos e pesados na altura da axila. A personagem usualmente se veste com roupas bastante largas e despojadas. Mora com sua mãe e irmã mais nova, após o falecimento de seu pai, e possui relação tensa com ambas. É dependente química, com dificuldades no processo de sua reabilitação. Sua ligação com as drogas se dá devido à medicalização na sua infância e ao contato com os medicamentos utilizados pelo pai. Desenvolve uma relação afetiva com a personagem Jules.

*Terapeuta*: Mulher branca, com cabelos curtos loiros e encaracolados. Aparece ser de meia idade e passa todas as cenas que participa sentada, conduzindo uma sessão de terapia para a personagem Jules. Usa uma calça, blusa e blazer na mesma tonalidade de azul marinho e jóias douradas no pescoço e nas mãos.

## **Procedimentos**

Tendo em vista o objetivo de compreender as intersecções entre a transexualidade, a feminilidade e as relações afetivas da personagem Jules, buscou-se por analisar as cenas a partir de duas categorias: a construção da feminilidade na experiência transexual e a repetição nos relacionamentos afetivo-amorosos. A primeira categoria foi criada com o objetivo de compreender e analisar a experiência social da transexualidade feminina e a construção da feminilidade na sociedade. Já a segunda categoria, diz respeito a analisar as relações afetivo-amorosas da personagem através de uma abordagem psicanalítica. Tem como objetivo localizar os eventos de sua história para descrever como se dão os comportamentos e escolhas da personagem e investigar como as dinâmicas familiares se repetem em seus relacionamentos afetivo-amorosos.

Cabe ressaltar, ainda, que não é possível a universalização de experiências subjetivas, pois estas se apresentam para cada indivíduo de maneira singular. Em particular, vivências abordadas por pesquisas sobre gênero e transexualidade devem reconhecer a pluralidade das existências – como pontuado por Porchat (2014) e Bento (2006). Assim, tendo em vista seus limites, a generalização das experiências descritas pelas categorias foi escolhida somente como um recurso para a realização desta pesquisa.

### **A construção da feminilidade na experiência transexual**

A feminilidade em si é um conceito que se mostra como um imperativo a ser expressado pelos indivíduos que se identificam com o gênero feminino, podendo ser identificada a partir da adequação, em maior ou menor grau, aos padrões estéticos femininos (cintura fina, cabelos compridos, ausência de pêlos, unhas pintadas, utilização de maquiagens, dentre outras características) e comportamentais (como passividade ao desejo masculino, abdição de gostos pessoais, delicadeza nos trejeitos – como tom de voz baixo e movimentos contidos – e relacionar-se com homens) atribuídos e impostos socialmente, na cultura ocidental. Entretanto, cabe ressaltar que na experiência transexual, a feminilidade necessita ser construída para passar pelo crivo social de adequação ao gênero (Bento, 2006). Assim, a construção da feminilidade na experiência transexual se constitui como uma categoria de caráter subjetivo, a qual reformulações internas sobre a identidade do sujeito acarretam modificações físicas diante da busca da construção de o que seria uma feminilidade. Diante dessa construção da feminilidade, observa-se a possibilidade de reprodução de estereótipos sobre o que é masculino e o que é feminino, o que pode ser visto na utilização de uma estética socialmente considerada feminina. O uso de cosméticos, buscar transformar o corpo em objeto de desejo (através de procedimentos estéticos, uso de dietas e roupas específicas) (Silva & Rey, 2011), bem como sua vestimenta (Massara, 2013). Os indicadores

comportamentais da busca pelo feminino podem ser compreendidos no que tange a uma possível reprodução de estereótipos, mas principalmente em uma construção de feminilidade com base no que a pessoa, e não terceiros, concebem como feminilidade. Assim, a função de tal comportamento é constituir sua identidade.

### **Repetição nos relacionamentos afetivo-amorosos**

A segunda categoria se refere a repetição nos relacionamentos afetivos-amorosos, sendo a repetição entendida como um conceito, dentro do campo psicanalítico, identificado pela recorrência de padrões e formas de se relacionar, de acordo com o anteriormente vivenciado pelo sujeito. Ou seja, ela consiste em uma dinâmica psíquica inconsciente que demanda voltar atrás para reencontrar aquilo que já aconteceu. Mesmo que o passado tenha sido doloroso e traumático para o sujeito, ele o repete justamente pela compulsão a retomar o que não foi concluído, com desejo de completá-lo – assim, ao mesmo tempo em que o comportamento repetido causa dor ao sujeito, também há uma certa dose de prazer em repetí-lo (Nasio, 1999). Mas, por se tratar de um processo inconsciente, o sujeito não se dá conta que repete – o recalcamto não permite que o trauma seja acessado pela pessoa de forma consciente. Dessa forma, as motivações à repetição são inconscientes e podem ser acessadas pelo indivíduo por meio de um processo analítico (Freud, 1914). Entretanto, a repetição em si – os padrões de relacionamentos que o sujeito repete em sua vida – pode ser observada de forma concreta. Indicadores desse comportamento podem ser notados pelo indivíduo quando este se vê reinserido em uma mesma dinâmica relacional a qual já vivenciou anteriormente. Como por exemplo, quando uma mulher acaba novamente em um relacionamento com padrões de tratamento parecido com relações anteriores de violência e agressividade decorrente de uma vivência passada com homens agressivos em seu ciclo familiar.

## Resultados e Discussão

Para cumprir com os objetivos deste trabalho de analisar a construção da feminilidade na sociedade e sua relação com a construção do feminino nas relações amorosas dentro da experiência transexual de Jules, assim como de identificar, a partir dos eventos da história da personagem, como as dinâmicas familiares se repetem e influenciaram nas relações afetivo-amorosas da personagem, foram analisadas três cenas da série. Com base nas duas categorias que guiaram este trabalho: “A construção da feminilidade na experiência transexual” e “Repetição nos relacionamentos afetivo-amorosos”, construíram-se três tópicos de análise com o objetivo de confluir essas duas grandes temáticas principais e embasou-se em uma análise crítica do material em diálogo com os dados obtidos pela literatura.

### Construção da feminilidade na personagem Jules

#### *Descrição:*

*Jules está deitada em uma cama dentro de um quarto com luz rosa e nuvens no teto. Dentro dessa cena estão três pessoas: Jules, Anna - a maquiadora - e outro personagem, o qual não se é apresentado o nome.*

*Jules está sendo maquiada por Anna e fala meio rindo e um pouco nostálgica: “eu me lembro de sair dos Sears com meu primeiro par de sapatos de salto. E... meu coração estava acelerado pra cacete. Cheguei em casa, fui direto para o meu quarto, tranquei a porta, calcei os dois, e... parecia que eu estava colhendo ervas e fazendo poções, para tentar melhorar o meu maná, sabe? Começou com isso, e aí foram as roupas, maquiagem e finalmente, os hormônios. Fui subindo de nível”. Anna pergunta calmamente em que nível Jules está agora e Jules responde que não sabe, mas que com certeza não chegou à sua potência máxima, enquanto ri sutilmente.*

*Anna questiona se ela namora homens e Jules responde que namorar não é a palavra certa. O terceiro personagem interfere na conversa e diz que o que ela quer dizer é que é uma safada, em tom de brincadeira. Jules responde mandando o personagem a merda em um tom de voz mais alto e também brincando e ele responde que isso não é uma ofensa, arregalando os olhos levemente e rindo. A maquiadora pergunta se Jules geralmente transa com homens e Jules responde que sim, mas que sua relação com homens é esquisita. A maquiadora questiona como e Jules responde: “na minha cabeça é... se eu conquistar os homens, conquistei a feminilidade “. Logo depois, Anna questiona por que precisaria de homens para se sentir mais feminina e diante da hesitação de Jules- a qual fica de boca semiaberta tentando encontrar palavras e não as encontra- Anna complementa falando que elas voltam para isso depois, virando os olhos de maneira a demonstrar que entende a complexidade e pergunta.*

*Depois, Anna pergunta se Jules já tinha conquistado a feminilidade, de maneira calma. Jules responde: “Eu não sei, mas eu nem quero conquistá-la, quero mais é destruí-la, e ir para o próximo nível. Próximo! Próximo!” - fala com empolgação e a maquiadora acrescenta “ Subir de nível, subir de nível”. Depois Jules acrescenta que não sabe o que isso quer dizer, ou como seria, mas que quer, e complementa que a grandeza é infinita.*

Diante da cena retratada, é importante destacar que, como abordado anteriormente na introdução, a feminilidade pode ser entendida como parte integrante da constituição de um sujeito, de modo que perpassa desde as relações consigo mesmo até com outros indivíduos. Tal fato pode ser observado nas falas de Jules ao apresentar sua construção de feminilidade, em um primeiro momento, mais associada com uma relação consigo mesma, e, em um segundo momento, dentro de relações afetivo-amorosas. Como por exemplo, quando discorre, respectivamente, sobre os elementos considerados femininos dentro da sociedade ocidental – como sapatos, maquiagem, roupas – e também, quando diz que ao conquistar os homens sente que conquistou a feminilidade.

Além disso, Silva e Rey (2011) destacam que a função que é atribuída ao ideal de beleza na vida de um sujeito é algo relativo, ou seja, que varia para cada indivíduo, o que pode ser percebido por uma diferença de esforços investidos nessa imagem do ideal para que se reconheça mulher. Isso se relaciona com a personagem Jules, de modo que, sendo mulher transexual, a construção da feminilidade se torna mais intensa, no momento em que há uma busca por validação externa, enquanto que as mulheres cisgênero já tem essa validação atribuída a elas. Ou seja, o processo de construção da feminilidade de mulheres cisgêneros é acompanhado pela existência de validação externa e menor intensidade na sua construção ativa (Campos, 2014).

Diante disso, é importante destacar os ideais de beleza e valores estéticos que constituem o que é ser uma mulher no Ocidente, que é pautado no sentir-se desejada (Silva & Rey, 2011). Tal reflexão vai de encontro com a fala de Jules na cena retratada, no momento

em que diz que, para ela, quando conquista os homens, conquista a feminilidade. Dessa maneira, Silva e Rey (2011) abordam que o “ser desejada” passa a ser um elemento identitário da construção da feminilidade, o que aparenta justificar o sentimento de Jules sobre essa questão.

Ademais, Jules relata que não sabe se já conquistou a feminilidade e que não quer conquistá-la, e sim, destruí-la. Diante disso, é possível observar que esse próximo nível que Jules atribui para a destruição da feminilidade, pode se referir ao transgredir as normas e estereótipos atribuídos ao feminino, seja de passividade, de roupas e maquiagem, seja em relação a quem se envolver afetivo-amorosamente. Tal fato se relaciona com os ideais e construções de feminilidade, abordado por Fuchs et al (2020), uma vez que esses podem ser entendidos como um conjunto ideológico que mantém desigualdades políticas, sociais e econômicas, o qual acarreta em hierarquias de poder diante de certos indivíduos e corpos. Ou seja, transgredir as normas e destruir a feminilidade, como pode ser observado na cena descrita, pode se referir a destruir esse conjunto que perpetua hierarquias e desigualdades.

## **Feminilidade e relacionamentos afetivo-amorosos**

### ***Descrição:***

*Jules juntamente com a personagem Terapeuta estão em um consultório, sentadas de frente uma para a outra, em uma sessão de terapia dialogando sobre o que Jules pensa acerca de sua feminilidade. A personagem fala que moldou sua feminilidade em torno do que os homens queriam, mas que isso não a deixa satisfeita, visto que eles procuram algo “simples e chato” e ela construiu seu corpo, personalidade e alma focada nisso. No consultório da psicóloga, as personagens Jules e Terapeuta estão sentadas uma de frente para a outra, durante uma sessão de terapia. Jules descreve a maneira como a qual Rue olha para ela como um olhar que realmente a vê, se refere ao que sua companheira vê como “o eu abaixo de várias camadas”. Jules complementa e fala que esse olhar lembra um olhar típico de mãe, um olhar que vê a pessoa em sua origem e consegue a amar mesmo nessa condição – de existência. A Terapeuta então pergunta: “É assim que sua mãe a viu?”. Jules responde que não pode afirmar pois é algo que ocorre antes de qualquer lembrança, e recebe o questionamento de sua interlocutora “É assim que imagina que sua mãe a viu?”. Ela segura o choro, franzindo a testa e dilatando as narinas ao responder que espera que sim.*

A feminilidade serve como um instrumento para a constituição da subjetividade das mulheres (Zerbatti e Bruns, 2018), mas está constantemente submetida às estereotípias sustentadas pela mídia e ícones culturais. Por ser uma ideia que se põe como processo concomitante ao que define uma pessoa que se identifica como mulher, cria-se uma imagética de como esse ideal seria (Campos, 2014).

Como observado a partir da fala da personagem Jules, sua feminilidade foi montada focada no que os homens teriam interesse, mas o resultado desse processo não a satisfazia. Campos (2014), em coerência com o comportamento da personagem, diz que a forma heterossexual que organiza e naturaliza os discursos dificulta a diferenciação de perceber que as marcas corporais e subjetivas são construções – em oposição a de algo inato. Butler (como citada em Pinto, 2009) não apenas reforça a questão discursiva como fator constituinte do corpo em si, como também aborda o conceito da performatividade, por entender que através dela as narrativas se reforçam pela repetição.

Destaca-se ainda que a experiência de Jules com a feminilidade é uma experiência que se dá enquanto mulher trans. A literatura propõe que, para mulheres trans, elementos tipicamente considerados femininos, como silicone, hormônios, cosméticos, roupas, penteados, entre outros, tem função de construir uma estética, além da visibilidade social que promovem (Longaray & Ribeiro, 2016).

Vale notar que Jules está frustrada com a feminilidade, que diz buscar por esta representar algo que não é de desejo para a personagem e sim um ideal estabelecido. Algumas dessas ideias promovem estereótipos sobre o que é ser – e ser lida – como mulher, tais como a hiperssexualização, compromisso com as tarefas domésticas e subjetivação de forma caricata (Campos, 2014; Longaray & Ribeiro, 2016).



Maria Rita Kehl e Ronaldo Sousa Sampaio implicam características como a passividade, afetividade, fragilidade, maternidade e o doméstico como marcas da feminilidade que promovem a perspectiva da dominação masculina (Moreira *et al.*, 2018). Dialogando com a teoria freudiana, Moreira *et al.* (2018) entende que essa construção se inicia pelos pais com a representação de papéis direcionados a meninos e meninas. Ainda reforçam que para meninas, tais direcionamentos causam um distanciamento de se tornarem sujeitos de seus desejos. Importante ressaltar que o indivíduo vai se constituindo e essas particularidades irão se mostrar nas relações seja consigo, com o mundo ou com terceiros.

Em relação a relacionamentos afetivos-amorosos a personagem assinala a necessidade de ser vista para além dos símbolos que apresenta, indicando o período de origem (nascimento) como o momento em que isso seria possível. A feminilidade discutida até o presente momento passa a ser um obstáculo para que Jules possa se expressar.

O termo cunhado por Freud como *compulsão à repetição* (Freud, 1914) pode ser usado de maneira satisfatória para explicar as dinâmicas de relacionamentos afetivo-amorosos de Jules. Sabe-se que a personagem passou por um episódio traumático de abandono de sua mãe em uma instituição psiquiátrica por não seguir uma ideologia de gênero, e que sua companheira atual e sua mãe proporcionam dinâmicas similares de se relacionar, promovendo sentimentos análogos à Jules, como será melhor exemplificado a seguir.

## **Repetição de dinâmicas relacionais**

### ***Descrição:***

*Jules abre a porta de um apartamento com um sorriso no rosto e chama o nome de Rue entusiasmada. Jules está com o cabelo preso e usa uma camisa de cores azul e branca comprida e uma calça legging preta. O apartamento é um loft, com apenas dois cômodos: o quarto conjugado com a entrada e a cozinha da casa, onde uma cama de casal está ao centro. Há também um banheiro que se encontra com a porta fechada. Ao não encontrar Rue, Jules se direciona para a porta do banheiro, tenta abri-la e não consegue. Olha para trás com uma expressão de desespero, sobrancelhas arqueadas e boca entreaberta, e continua gritando pelo nome da Rue.*

*Ao fundo, ouve-se falas da terapia de Jules, em que ela diz: “Talvez seja por causa de tipo, tudo com a minha mãe”. A cena é cortada agora para a sessão de terapia de Jules, no consultório. Jules continua: “Mas eu só tinha esse, tipo, pesadelo muito ruim sobre morar em Nova York com Rue. Quando cheguei em casa, ela estava no banheiro. Mas, tipo, ela tinha trancado por dentro”, Jules com olho arregalado e, assustada, diz: “Então, tipo, quando eu abri a porta... Eu não posso, tipo, dizer isso em voz alta”. Corta-se agora para outro cenário: Jules aparece fechando a porta de sua casa. Ela usa cabelos soltos, uma saia xadrez, uma camiseta de mangas curtas e uma mochila nas costas. Ao virar, depara-se com seu pai sentado no chão e sua mãe na poltrona da sala. Sua mãe tenta iniciar um diálogo: “Você está muito bonita”. Jules, com cara de desprezo, sobe as escadas em direção ao seu quarto. Seu pai a segue e eles conversam sobre Jules estar irritada com ele não ter contado que sua mãe estaria lá, enquanto Jules diz não se importar com o que a mãe tem para dizer. Seu pai a convence a descer e ouvir as desculpas de sua mãe. Ao descer, não a encontram. Volta-se novamente para o cenário da sessão de terapia, na qual Jules relata que após uma semana da aparição de sua mãe, ela ouviu seu pai conversando com alguém no telefone que relatava o desaparecimento de sua mãe após uma recaída.*

Através das cenas descritas, é possível observar a tendência da personagem de *repetir* o passado doloroso. Neste caso, os sentimentos experienciados através do uso abusivo de álcool e do abandono da mãe, fazem com que Jules *repita* na adolescência, vários comportamentos que teve quando criança e nutra, agora pela sua parceira romântica Rue, os mesmos sentimentos que tinha anteriormente pela mãe – o que se relaciona com o conceito psicanalítico de repetição cunhado por Freud (1914).

A angústia e os traumas desencadeados em Jules – relatados no cenário de sua sessão de terapia – podem ser vistos como consequência da história de vida da personagem, em decorrência da ausência da figura maternal durante sua infância. Tal fato pode ser baseado no que Freud desenvolve acerca da relação da figura maternal se apresentar como esse primeiro investimento de libido do bebê. Em decorrência disso, o medo de perdê-la circunda a vida do indivíduo e sua separação se torna traumática e produtora de angústia. No caso de Jules, ela foi enganada pela mãe e internada por ela em um hospital psiquiátrico sem o seu consentimento. Posteriormente, Jules vive também um segundo abandono: quando retorna para casa após sua internação e, acompanhando o processo de consumo abusivo de álcool de

sua mãe, a vê indo embora de casa. Esses acontecimentos podem ser vistos como as questões adversas da família que Maciel e Rosemberg (2006) apresentam como possíveis produtores de desequilíbrios psíquicos e sintomas.

Entende-se que Jules não elaborou os traumas pelos quais passou em sua infância e, desse modo, estabelece um vínculo ainda mais caloroso e particular com Rue, na tentativa de reviver a relação passada com sua mãe, *repetindo-a* inconscientemente. Assim como a mãe de Jules, Rue possui também um padrão de uso abusivo de substâncias psicoativas – as drogas. Pode-se observar a presença de um certo prazer em suportar o peso do vício de Rue, por mais que, conscientemente, ela veja que é algo que a desestabiliza. Tal dinâmica pode ser identificada no relato do pesadelo de Jules. O pesadelo parece representar essa iminência de colapso de uma relação amorosa pelo consumo abusivo de drogas, e a impotência de Jules diante da situação. Mais especificamente, o colapso de sua mãe e o abandono por ela foram traumáticos para Jules e, em paralelo, a condição do vício de Rue – personagem que se insere nesse mesmo lugar de amor, cuidado e afeição de uma figura maternal – parece ameaçar a todo momento o relacionamento delas, de modo que Jules se encontraria em uma mesma situação incontrolável de abandono e culpa.

Portanto, como não se consegue lembrar daquilo que lhe foi traumático: atua, e, no ato, repete algo daquilo que não é lembrado e se quer realizar. É assim que, de acordo com a psicanálise, o sintoma vem à tona: pela repetição do traumático que se atualiza em ato (Freud, 1914), questão que se apresenta de maneira clara na sessão de terapia da personagem. No começo da cena em questão, mais especificamente pela fala: “Talvez seja por causa de tipo, tudo com a minha mãe”, Jules consegue elaborar uma ligação entre o pesadelo que teve com Rue e as questões que tem com sua mãe. Mais especificamente, Jules conclui pela sessão, e com ajuda de sua terapeuta, que há uma *repetição* entre a dinâmica de relacionamento que nutria com sua mãe e a que nutre com Rue. A partir das falas de Jules, observa-se os relatos

em que ela descreve se sentir olhada e amada por Rue da mesma maneira com que desejava ser olhada pela sua mãe quando criança. Assim, Rue se insere nesse lugar especial na vida de Jules, marcada pela ambivalência do desejo e da raiva que Jules direciona primeiramente para a figura de sua mãe. Desse modo, o padrão de consumo abusivo de drogas de Rue ameaça a estabilidade da relação delas, apresentando-se por esse aspecto de medo e pavor que se manifestam sob a forma de pesadelo para Jules, da mesma forma que o vício de sua mãe se inseriu em sua vida.

E, pela mesma razão, Jules se sente responsável em garantir o processo de recuperação da Rue e, conseqüentemente, sua sobriedade. Bem como teme que Rue, a mulher na qual acredita amá-la como sua mãe a amou, venha a ter uma overdose – medo manifestado em seus sonhos. Isso se dá, em partes, porque é uma forma inconsciente de tentar dar um novo final para a história que vivenciou na infância (Násio, 1999). Por mais que o comportamento de uso abusivo de drogas de uma pessoa amada a faça sofrer consideravelmente, é prazeroso experienciá-lo novamente e sentir que, desta vez, mesmo que ilusoriamente, exista certo controle sobre a situação. Infelizmente, o caráter fundamental da *repetição* é justamente a conservação da dor atrelada a uma situação que originalmente foi a causadora de sofrimento (Roudinesco & Plon, 1998). Dessa forma, Jules está fadada a repetir essa dinâmica relacional até que elabore o trauma e consiga conscientemente parar de repetir. Assim, cabe à terapeuta, fazer um bom manejo da transferência e auxiliar Jules na diminuição do sofrimento que a relação afetivo-amorosa com a Rue a suscita (Freud, 1914).

### **Considerações Finais**

O presente trabalho propôs-se a refletir, a partir da análise da personagem Jules, como as relações afetivo-amorosas podem ser interpeladas por um ideal de feminilidade, principalmente no que tange o imperativo da construção desse ideal para pessoas transexuais,

assim como pela *repetição* de padrões de dinâmicas relacionais. Mais especificamente, os dois tópicos principais de análise do trabalho se deram através da construção da feminilidade e das relações afetivo-amorosas, de modo que é possível perceber as conexões entre essas duas facetas. O ideal de feminilidade se acentua ainda mais em uma experiência transexual, dado que é constantemente buscado a fim de se alcançar uma validação externa e, conseqüentemente, o reconhecimento social do ser mulher.

Cabe ressaltar que se optou neste trabalho por utilizar autores que versam sobre teorias distintas – a psicanalítica e a pós-estruturalista – que partem de epistemologias diferentes. Entretanto, entende-se que os conceitos analisados convergem as teorias a partir de um entrelaç, que pôde ser observado na personagem Jules – entre o que se é necessário para construir uma identidade feminina a partir de um lugar da transexualidade e como isso reflete em opções, conscientes ou inconscientes – de relacionamentos afetivo-amorosos, o que diz respeito à sensação de se sentir desejada enquanto mulher e à reafirmação de uma dinâmica relacional idealmente feminina. A repetição da relação que Jules nutria com sua mãe e, agora, com Rue, coloca em jogo as construções que Jules havia solidificado até então em sua vida com base na feminilidade ideal.

Ainda, no decorrer desta pesquisa, pôde-se observar alguns limites nos trabalhos científicos já elaborados até agora a respeito da temática, uma vez que articular as ideias psicanalíticas com questões diversas exigem grande cuidado para evitar equívocos. Isso acarretou em uma limitação nesta pesquisa, visto a dificuldade em se encontrar aporte teórico para fundamentar os objetivos propostos. Ademais, identidade de gênero e relações afetivos-amorosas, por mais que sejam fenômenos que atravessam todas as pessoas, são episódios nos quais a subjetividade particulariza os desdobramentos de todo o processo. Os trabalhos que discorrem sobre a temática da transexualidade ainda são muito escassos, o que pode ser demonstração de um recorrente distanciamento, ainda presente na atualidade, do

público LGBTQIAP+, principalmente de pessoas trans, e do meio acadêmico, tanto no que diz respeito à falta de pesquisas que discorram sobre essa população quanto à não presença dessa população em si nas pesquisas (Mello & Magalhães, 2020).

Por isso, esta pesquisa demonstra sua relevância ao contribuir com a literatura científica acerca das questões que perpassam a experiência da transexualidade e, conseqüentemente, dar mais visibilidade para essa população. Apesar deste estudo se basear na experiência de apenas uma personagem fictícia – o que pode ser entendido como uma limitação significativa desta pesquisa, visto o risco de se cair num campo de generalizações que criem estereótipos imperativos, percebe-se que as análises sobre os comportamentos de Jules são complexas e desenrolam-se amparadas em diversos temas. Analisar diferentes influências que levaram a personagem a se comportar da forma que se comporta enriquece o estudo e também a literatura científica, dado que a maioria das pesquisas acerca de transexuais se limita a falar da transexualidade com fim em si mesma. Conclui-se que as experiências transexuais podem estar atravessadas a uma dinâmica relacional que se enquadra no conceito psicanalítico de *repetição* e também que comportamentos estereotipados, os quais são marcas da feminilidade em uma sociedade de lógica heterossexual, influenciam na forma como se dão os relacionamentos e suas dinâmicas.

## Referências

- Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA]. (2021). *Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra pessoas Trans em 2020*. Rio de Janeiro, RJ.  
<https://antrabrasil.org/assassinatos/>.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bento, B. (2011). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas [online]*, 19 (2), 549-559.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos, D. M. A. R. (2014, Novembro). *Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher* [Artigo]. 18º REDOR: Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas, Recife, Pernambuco, Brasil.  
<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2032/802>
- Dornelles, F., Serpa, L. P., Kruehl, C. S., Guazina, F. M. N., & Carlesso, J. P. P. (2019). Transexualidade: o brincar relacionado a identidade de gênero. *Research, Society and Development*, 8(5), 01-13. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i5.833>.
- Freud, S. (1914). Lembrar, Repetir e Elaborar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da Clínica Psicanalítica* (pp.151-164). Autêntica.
- Freud, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. L&PM.
- Freud, S. (1926). Inibição, Sintoma e Angústia. In: *Obras Completas Volume 17: Inibição Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos* (pp. 9-98). Cia das Letras.

- Fuchs, J. J. B., Hining, A. P. S., & Toneli, M. J. F. (2021). Psicologia e Cisnormatividade. *Psicologia & Sociedade*, 33(e220944), 1-16.  
<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33220944>
- Lattanzio, F.F. (2011). O lugar do gênero na psicanálise: Da metapsicologia às novas formas de subjetivação. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-8J9G7E/1/disserta\\_o\\_felippe\\_lattanzio\\_vers\\_o\\_definitiva\\_o\\_lugar\\_do\\_g\\_nero\\_na\\_psican\\_lise.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-8J9G7E/1/disserta_o_felippe_lattanzio_vers_o_definitiva_o_lugar_do_g_nero_na_psican_lise.pdf)
- Lattanzio, F.F. & Ribeiro, P.C. (2017). Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. *Psicologia USP [online]*28 (1), 72-82.  
<https://doi.org/10.1590/0103-656420140085>.
- Lemos, S. C. A. & Neves, A. S. (2019). Os Processos de Constituição Psíquica do Sujeito na Perspectiva da Psicanálise de Família e Casal. *Psicologia Clínica*, 31(1), 55-75.  
<http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A03>
- Levinson, S. (Diretor). (2019). *Euphoria* [Seriado]. HBO; HBOPlus.
- Longaray, D.A. & Ribeiro, P.R.C. (2016). Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. *Revista Estudos Feministas*, (24) 3, 761-784.  
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p761>.
- Maciel, R. A. & Rosemburg, C. P. (2006). A Relação Mãe-Bebê e a estruturação da Personalidade. *Saúde e Sociedade*, 15(2), 96-112.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000200010>.
- Martins, P.M. (2019). As noções de Masculino e Feminino: *Concepções ideológicas e papéis de gênero*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.1235>.



- Massara, I. H. M. (2013). Feminilidade: um detalhe. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(3), 497-514. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300006>.
- Mello, Y.T. & Magalhães, J.C. (2020). Inserção, Reconhecimento e Visibilidade de pesquisadoras/es trans no meio acadêmico e científico. *Humanidades e Inovação*, 7 (27), 226-242. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5051>.
- Moreira, A. C. G., Vieira, M. M. C. D., & Ceccarelli, P. R. (2018). Sexualidade e Ideal de Feminilidade: Contribuições para o debate. *Estudos de Psicanálise*, (49), 45-53. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372018000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100004&lng=pt&tlng=pt).
- Nasio, J. D. (1999). *O prazer de ler Freud*. Zahar.
- Neto, E. B. (2010). *O conceito de repetição na psicanálise freudiana: ressonâncias clínicas na re-elaboração simbólica do repetido*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Católica de Pernambuco. TEDE: Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/91>
- Newman, K. (2020). *The Cisnormative Wall: Distinguishing Gazes in Modern American Television and Film Featuring Transgender Characters (2013-2020)*. Tese, Universidade de Houston, Houston, Texas, Estados Unidos da América. [https://uh-ir.tdl.org/bitstream/handle/10657/8182/Newman\\_Kat\\_Thesis2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://uh-ir.tdl.org/bitstream/handle/10657/8182/Newman_Kat_Thesis2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
- Pinto, J.P. (2009). O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. *Cadernos Pagu*, (33), 117-138. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200005>.
- Porchat, P. (2014). A transexualidade hoje: Questões para se pensar o corpo e o gênero na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (4), 115-124. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v48n4/v48n4a11.pdf>.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). Dicionário de Psicanálise. Zahar Ed.

Santos, M.R. (2018). Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos.

*Revista Estudos Feministas [online]*, 26 (1), 1-8.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n137361>.

Silva, H. C. & Rey, S. (2011). A Beleza e a Feminilidade: Um Olhar Psicanalítico.

*Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 554-567.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300009>

Sodré, M. & Arán, M. (2012). Considerações contemporâneas sobre a noção psicanalítica de diferença sexual. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 12(1-2), 293-326.

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v12n1-2/11.pdf>.

Spizzirri, G., Eufrásio, R., Lima, M., Nunes, H., Kreukels, B., & Steensma, T. & Abdo,

Carmita. (2021). Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. *Scientific Reports*, 11(2240), 1-7.

<https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4>.

Wolff, C. S. & Saldanha, R. A. (2015). Género, sexo, sexualidades: Categorias del debate contemporáneo. *Retratos da Escola*, 9 (16), 29-46.

<https://doi.org/10.22420/rde.v9i16.562>.

Zerbinati, J.P. & Bruns, M.A.T. (2018). A família de crianças transexuais: o que a literatura científica tem a dizer?. *Pensando famílias*, 22(2), 37-51.

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v22n2/v22n2a04.pdf>.